

ANÁLISE SEMIÓTICA BARTHESIANA DO EDITORIAL HIGHLANDER *PAR* SEBASTIAN KIM

Barthesian semiotic analysis of the Highlander par Sebastian Kim editorial

José, Márcio de Paula; Mestrando; Universidade Estadual de Londrina,
marciodepaulajose@gmail.com¹

Resumo

O presente artigo se refere a uma análise semiótica barthesiana do editorial de moda Highlander *par* Sebastian Kim - Número. O estudo procura se referenciar nas diretrizes necessárias para a identificação do inventário denotativo, conotativo, mito e a ancoragem, relações entre texto e imagem. Como base para este estudo, a semiologia abordada por Roland Barthes e Gemma Penn.

Palavras-chave: Semiótica Barthesiana. Moda. Denotação. Conotação. Mito.

Abstract:

This paper addresses to a semiotic analysis of an fashion editorial named Highlander par Sebastian Kim - Número. The study seeks to reference in the necessary coordinates to identify the denotative inventory, connotative elements, myth and anchorage, relations between text and image. As bases for this study, the semiology addressed by Roland Barthes and Gemma Penn.

Key-words: *Barthesian semiotic. Fashion. Denotation. Connotation. Myth.*

¹ Mestrando em Comunicação Visual pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Graduado em Design de Moda pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UFTPR). E-mail: marciodepaulajose@gmail.com

Introdução

Em *Elementos de Semiologia*, Barthes (1992) aborda as principais diretrizes necessárias para a análise semiótica. Este estudo busca discutir e encontrar na semiótica barthesiana os elementos básicos para a análise e leitura imagética. Referenciando-se na *Análise Semiótica de Imagens Paradas* por Gemma Penn (2011), o estudo segue um roteiro de identificação do inventário denotativo, elementos conotativos, mito e a ancoragem, relações entre texto e imagem. O foco do questionamento do presente estudo segue com a seguinte pergunta: Quais são os elementos comunicantes de uma imagem? E como eles produzem sentidos, e como podem ser interpretados por diferentes olhares? Para responder esses questionamentos, os objetivos específicos para essa análise são: 1) Analisar com as bases da semiologia barthesiana e conhecimentos de moda, o editorial *Haighlander* par Sebastian Kim. 2) Buscar conhecer a análise e interpretação de entrevistados leigos sobre as mesmas imagens. 3) Propor um comparativo entre as duas análises realizadas.

Metodologia para a Análise Semiótica

Para a concepção de uma análise semiótica, Barthes (1992) se refere à identificação dos “níveis de significação: denotação, conotação e mito”, que serão abordados neste estudo após a escolha do objeto de análise, ou “corpus” (PENN, 2011, p.323). Ao que se refere à moda, o “corpus” precisa ser minuciosamente escolhido, uma vez que a moda e as tendências são sazonais e voláteis. Neste caso é importante limitar o material de pesquisa, referente a uma marca, coleção ou estação. “Mas o corpus deve ser o mais homogêneo possível” (BARTHES, 1992, p.105).

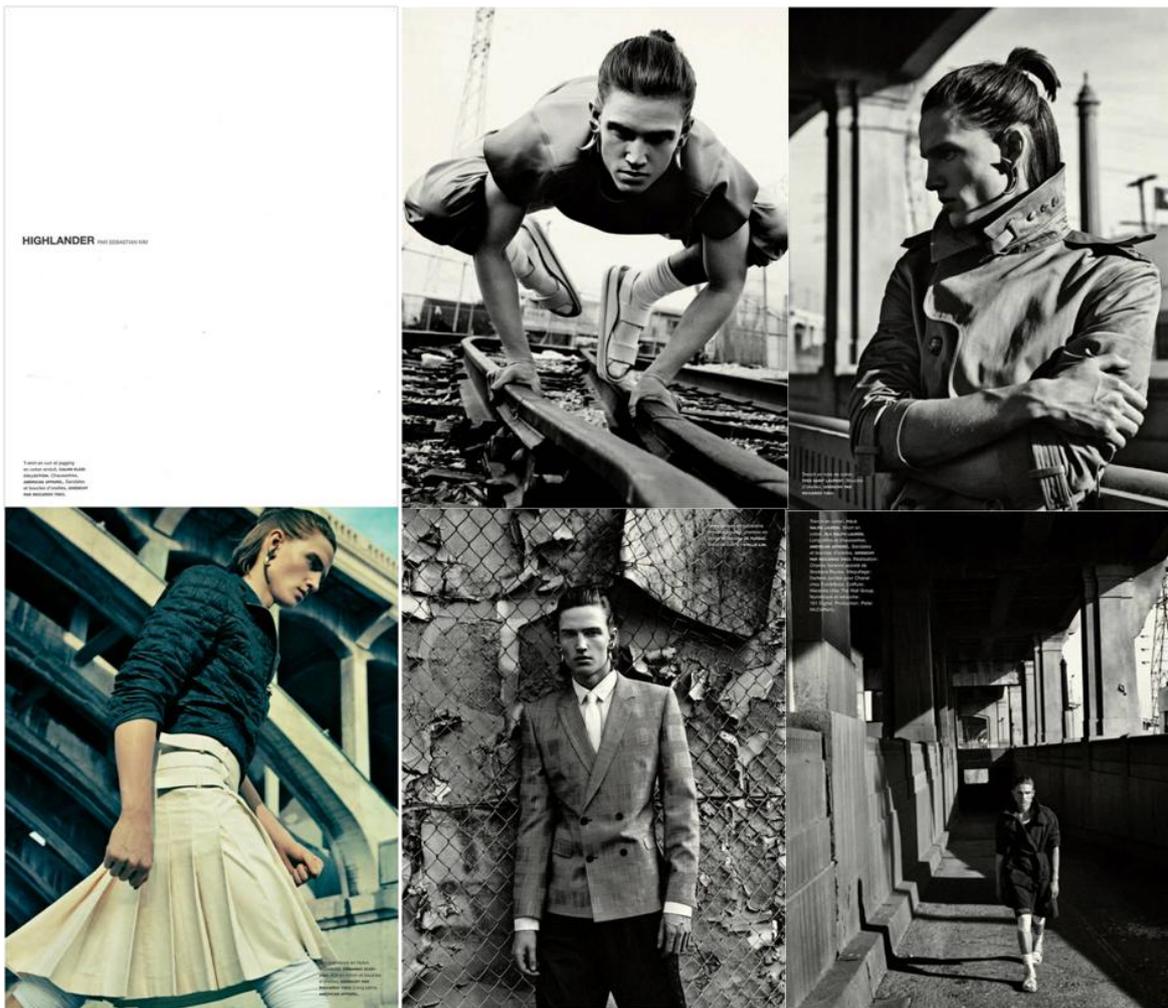
Para análise semiótica iremos seguir as diretrizes de Gemma Penn (PENN, 2011, p.340-341) que estipula cinco pontos a serem observados. (1) Selecionar as imagens a serem analisadas e sua origem. (2) Listar os elementos denotativos e sua significação. (3) Examinar os níveis mais altos de

significação: conotação, mito. (4) Avaliar se o problema foi exposto e solucionado, e se todos os elementos denotativos foram apresentados (5) Elaborar um relatório para a análise. Esse relatório, segundo Penn (2011, p.341) pode ser em formato de tabela ou texto.

Sobre a escolha do “Corpus”

O corpus escolhido para a análise semiótica se refere a um editorial publicado pela revista francesa Numéro HOMME (2012), com o título “HIGHLANDER *par* Sebastian Kim”. O ensaio é destinado ao público masculino, consumidores da moda de “vanguarda”. As imagens remetem a um homem jovem que permeia ambientes urbanos.

Figura 1- Numéro Homme, 23, p.144-151, printemps-été, 2012



Inventário Denotativo.

No primeiro momento, faremos a análise no estágio “denotativo”, referenciado por Penn ao expor os conceitos de Barthes na análise semiótica, considerando o “conhecimento linguístico e antropológico” (PENN, 2011 p.324, 340). O ensaio inicia-se com a página em branco, com o nome do editorial centralizado à esquerda em negrito e caixa alta, HIGHLANDER. Ao lado da descrição o nome do fotografo em caixa alta em tamanho menor, SEBASTIAN KIM. Abaixo à esquerda, os nomes das marcas em destaque, representadas no *look* subsequente; CALVIN KLEIN, AMERICAN APPAREL e GIVENCHY.

Em relação ao indivíduo fotografado: Porte físico ectomorfo, rosto quadrado. Cabelos lisos e loiro escuro, com penteado *ponytail*. A expressão do corpo é rígida, representada por punhos fechados, corpo em posição de ataque, expressão facial séria e reflexiva. Os elementos da vestimenta incluem: brinco metálico em formato de dente animal. Sandálias com meias levantadas acima dos tornozelos. Jaqueta militar com os punhos levantados até os cotovelos, tecido de aspecto rígido semelhante à sarja. Jaqueta azul escuro, tecido com aspecto de *matelassé*. Saia *kilt* marfim, pregueada. Corsário de tecido maleável semelhante à malha. Shorts largo. Blazer de alfaiataria com quatro botões em padronagem xadrez. Camisa e gravata clara. Cenário urbano, com uma torre ao fundo, trilhos de trem, ambiente solitário. Plano de fundo representado textura rústica e degradada, malha metálica. Fotografia em cores frias.

Elementos conotativos e identificação do mito

Esta segunda fase se refere à significação em “níveis mais altos, são mais arbitrários, dependentes de convenções culturais”, e o auxílio de conhecimentos mais específicos. (PENN, 2011, p. 322). Neste caso, os conhecimentos de moda, mídia e “e outros conhecimentos culturais” são fundamentais para tal análise. Barthes chama esses conhecimentos de léxicos

(PENN, 2011, p. 324). Penn aborda que os sentidos sugeridos pelo leitor da imagem irá depender da “experiência e da proeminência cultural”. O grau da vivência com os elementos da composição irá definir a forma da leitura da imagem (PENN, 2011, p. 324). A interpretação e hipóteses levantadas são limitadas, pois ainda que referenciadas, são o ponto de vista do pesquisador.

O editorial impresso começa com um substantivo e com um nome. Há poder e valoração com a inserção do nome do fotógrafo. Isso se relaciona à escrita “HIGHLANDER *par* Sebastian Kim”. O termo indica o valor que as imagens subsequentes irão se referir, ele indica o conceito empregado à produção visual e o nível de qualidade da fotografia ao se referir à Sebastian Kim, e às marcas representadas. Penn afirma que os elementos textuais sempre irão mediar o que o receptor deve sentir, “a imagem visual é ancorada pelo texto”, e indicara o que cada imagem irá remeter, “todo sistema semiológico possui sua mistura linguística” (PENN, 2011, p. 122-121 apud, BARTHES,1964).

A ancoragem abordada por Barthes é aplicada de forma clara no objeto de estudo. Sem a ancoragem, a imagem pode obter múltiplos significados, sendo “polissêmica ou ambígua”, sua interpretação torna-se híbrida e sem foco (PENN, 2011, p.322). Neste editorial as imagens sem os elementos textuais nos remete a outros conceitos, como androgenia, feminilidade, japonismo, cultura subversiva e urbano tribal. Mas com o apoio do termo “Highlander”, justifica-se que o brinco utilizado, o *kilt*, a sandália e o cabelo com *ponytail*, não estão relacionados ao universo feminino e a nenhuma tribo urbana, mas sim aos *highlanders*, guerreiros escoceses. O *kilt* como um símbolo do universo masculino escocês, o brinco e o penteado referenciado pela cultura e religião dos ancestrais celtas. A sandália remetendo a guerreiros, com meias acima dos tornozelos como os “*soldiers highlanders*” usavam. A estética é referenciada pela escrita e esse conjunto esclarece o mito.

O modelo utilizado no editorial como um “indivíduo normativo” (BARTHES, 1992, p.29), neste caso um homem, que obedece a regras e padrões de estética que permeiam as tendências de moda, um manequim que possui medidas e cores catalogadas para se representar como padrão.

Referenciando o “modelo” ou “molde” que os observadores devem seguir, um molde sem nome registrado nas páginas ao longo do editorial, sem idade ou qualquer informação pessoal ou profissional. Ali, ele é apenas um corpo que se representa como matriz para uma nova tendência, uma nova direção.

O cenário não é identificado como cidade, local ou monumento, pois não é relevante para o leitor da imagem saber o local exato do ensaio. Pode ser em qualquer lugar, em qualquer centro urbano. O cenário se importa em denotar ferro, pedras, construções, malha metálica, trilhos, torres, túneis e concreto. A cor cinza, ambientes degradados e abandonados, conota a rigidez e rusticidade, remetendo a masculinidade e imponência. Essa conotação também é percebida no comportamento do modelo que se comunica com os elementos do cenário, punhos fechados, posição de ataque, sobriedade e rigidez. Os tons acinzentados, mesmo presente nas imagens coloridas, valorizam as linhas da arquitetura urbana, que se comunica com o *styling* e cores sóbrias.

A expressão corporal que remete à forma de ataque, semelhante às posições do Rugby, conota masculinidade, agressividade e força. As meias utilizadas acima dos tornozelos trás a referência dos soldados escoceses. Os acessórios e o penteado evocam a antiga cultura dos ancestrais celtas. O *trench* usado é composto de tecido rígido, os recortes são referentes à uniformes militares. A gola levantada para transmitir seriedade, confronto e obscuridade. A posição nestas imagens é rígida e conota solidão, reflexão e observação. O modelo com os punhos fechados representa força e agressividade de um guerreiro. A rigidez do corpo e da expressão facial esta ligada ao plano de fundo, concreto e monumentos arquitetônicos.

O *look* composto por um blazer de gabardine *prince-de-gales*, modelo da década de 1980, com camisa branca e gravata tradicional clara, conota sobriedade e evoca sentidos de tradicionalismo, mas é quebrado com o *shorts jeans* largo. Toda esta descrição esta ancorada nos elementos textuais. Esta imagem representa a multiplicidade estética entre o tradicional e irreverente, entre o claro e escuro, entre o clássico e o rústico; o ancestral, tradicional e contemporâneo. Para Barthes (1992, p.29), o vestuário também é uma forma

de se comunicar. A vestimenta se torna um símbolo de poder e de novos hábitos. Ali são embutidos valores, estética, posicionamentos e comportamentos. Expressão o caráter do homem urbano e cosmopolita.

Possíveis referências utilizadas para a construção mítica

Penn orienta que para Barthes o “mito é o meio pelo qual uma cultura naturaliza, ou torna invisível suas próprias normas e ideologia” (PENN, 2011, p. 324). A tarefa do semiólogo é “desmitificar” ou “desmascarar” esse processo de “naturalização”, identificando os signos nesta construção e outros elementos paradigmáticos (PENN, 2011, p. 325).

Figura 2- Ilustração de um guerreiro Celta. Fonte: getasword.com



Figura 3- Soldado escocês. Fonte: thebestshortstories.com



Observe as possíveis ligações entre as imagens. Imagem 2: uma ilustração de um antigo guerreiro celta. Imagem 3: refere-se a um soldado highlander com um traje semelhante aos usados no início do XX, década de 1914 aproximadamente. Ambos conotam o mesmo posicionamento militar e de guerra, ambos utilizam o *kilt*. A produção do editorial é uma releitura da história e dos significados referentes às imagens 2 e 3. “Por mais paradoxal que isso possa parecer, o mito não esconde nada: tem como função deformar, não fazer desaparecer” (BARTHES, 1975, p.143). Essa deformidade que Barthes se refere pode ser denominada pela moda como releitura, que remete aos mesmos sentidos. De “ordem memorativa”, nos traz a memória com o apoio do

nível de conhecimento histórico e cultural (BARTHES, 2005, p.259). Uma informação reformulada sobre o conceito empregado, “uma fala roubada e restituída”. “Esse breve roubo, esse momento furtivo de falsificação, que constitui o aspecto transido da fala mítica” (BARTHES, 1975, p.146-147). “O conceito, estritamente, deforma, mas não elimina o sentido: existe um termo que significa exatamente esta contradição: aliena-o” (BARTHES, 1975, p.143-144).

Em relação à continuidade da análise semiótica, Penn sugere uma abertura na análise, expor para indivíduos aleatórios as mesmas imagens analisadas, “reintegrar o leitor leigo” a fim de resolver possíveis problemas relacionados à subjetividade (PENN, 2011, p.340). Neste estudo, foi aplicado um breve questionário, com as mesmas imagens contidas nesta análise, em pessoas aleatórias, não conhecedoras ou graduadas na área de moda, mídia ou fotografia. O questionário foi baseado nas perguntas formuladas por Penn (2011, p.338): 1º Do que você pensa que essa foto se trata? 2º Você identifica alguma utilização de referências relacionadas à mídia ou alguma cultura para a produção dessas imagens? Porque você acha isso? 3º O que essas imagens lhe faz pensar? Ela esta indicando qual mensagem? 4º Que impressão ou sentimento lhe causa?

Síntese da análise realizada por entrevistados leigos.

A forma como as imagens foram interpretadas, está relacionada ao grau de experiência que cada indivíduo teve com os elementos apresentados. A ancoragem também é questionável, uma vez que não há um entendimento do significado dos termos descritos e dos nomes citados, seja do título do editorial, das marcas ou do fotografo. Nesta fase, Penn (2011, p.338) nos sugere uma “semiologia mais híbrida” onde seria possível o pesquisador entrevistar outros observadores sobre a mesma imagem, resultando em uma multiplicidade de interpretações e de significações de cada leitor sobre o mesmo corpus. O questionário foi aplicado em 20 pessoas, entre o sexo masculino e feminino, com idade entre 20 a 58 anos.

A análise realizada pelos entrevistados leigos obteve resultados semelhantes à análise realizada anteriormente. Mesmo não obtendo o mesmo nível de conhecimento; de acordo com as “convenções universais” (PENN, 2011, p.322), elementos denotativos podem conotar as mesmas sensações entre leigos e eruditos. A identificação das imagens como ensaio publicitário ou de moda foi unânime. O *kilt* e o penteado *ponytail* foram interpretados pela maioria como símbolos e referências do vestuário japonês e dos antigos samurais. Ambos os entrevistado visualizaram o mesmo conceito étnico, símbolos de virilidade, força e masculinidade, solidão, agressividade e a associação da imagem do modelo como um guerreiro. Mas por outras perspectivas, a saia, o penteado e a sandália também foram interpretados como elementos femininos.

Figura 4- Análise com base na semiologia e conhecimentos sobre o corpus. Fonte: Autor.

Tabela 1

Denotação	Sintagma	Conotação/mito	Conhecimento cultural
Figura masculina. Postura, vestuário, acessórios, ambientes urbanos, cores e texturas.	Modelo masculino loiro. Roupas e ambientes acinzentados e cores sóbrias. Monumentos, construções urbanas. <i>Look</i> . Corpo em movimento. Título do editorial em negrito e caixa alta.	Masculinidade, virilidade, Seriedade. Agressividade. Cosmopolita, guerreiro, moderno, escocês.	Moda, mídia e cultura escocesa.

Figura 5- Análise com base nas entrevistas realizadas com leigos. Fonte: Autor

Tabela 2

Denotação	Sintagma	Conotação/mito	Conhecimento cultural
Figura masculina. Postura, vestuário, acessórios, ambientes urbanos, cores e texturas.	Modelo masculino loiro. Roupas e ambientes acinzentados e cores sóbrias. Monumentos, construções urbanas. <i>Look</i> . Corpo em movimento.	Masculinidade. Seriedade. Guerreiro samurai. Moderno, japonês, étnico.	Publicidade, mídia e cultura japonesa.

Observe que, ainda que alguns elementos descritos na segunda tabela sejam diferentes da tabela 1, de modo geral, com o auxílio ou não da ancoragem, a análise realizada por leigos se aproxima da análise inicial. Mesmo que a imagem não seja destinada aos leitores secundários, a sua forma de se comunicar não perde a relevância e a transmissão dos sentidos.

Considerações finais

A metodologia de análise semiótica abordada por Penn (2011), baseada na semiologia de Barthes (1992), é fundamental para a interpretação de imagens e elementos comunicantes. Para leitura coesa de imagens, é necessária a identificação de elementos denotativos e a ancoragem realizada como apoio para a leitura dos símbolos inseridos na construção imagética. Esses elementos da primeira fase analítica direcionarão a percepção conotativa e compreensão da forma como o mito pode ser construído em uma imagem, e através deles o semiólogo poderá decifrar a construção mítica. A ancoragem em uma imagem pode possibilitar múltiplas análises, mesmo realizada por não conhecedores dos saberes relacionados ao corpus, confirmando a relevância do conhecimento e vivência individual como fatores importantes para a leitura semiológica.

Referências

BARTHES, Roland. Mitologias. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel, 1975.

_____. Elementos de Semiologia. São Paulo- SP: Cultrix, 1992.

_____. Inéditos: Volume 3 – Imagem e Moda. São Paulo-SP: Martins Fontes, 2005.

KIM, Sebastian. Highlander. Numéro Homme, 23, p.144-153, printemps-été, 2012.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: Bauer, Martin W. e Gaskell, George. Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem, e Som – um Manual Prático. Petropolis, Vozes, 2011.